



DESAFIOS E AVANÇOS  
DA **EDUCAÇÃO RURAL**  
NO ESTADO DO ACRE







# ASAS DA FLORESTANIA

DESAFIOS E AVANÇOS  
DA EDUCAÇÃO RURAL  
NO ESTADO DO ACRE



Se a educação sozinha não  
transforma a sociedade,  
sem ela tampouco a  
sociedade muda 卍

*Paulo Freire*



## **EXPEDIENTE**

Sebastião Afonso Viana Macedo Neves  
**Governador**

Nazareth Mello Araújo Lambert  
**Vice-Governadora**

Márcio Veríssimo Carvalho Dantas  
**Secretário de Estado de Planejamento**

Marco Antônio Brandão Lopes  
**Secretário de Estado de Educação e Esporte**

José Alberto Nunes  
**Secretário-Adjunto de Educação e Esporte**

Moisés Diniz  
**Secretário-Adjunto de Educação e Esporte**

Quesnay Souza de Lima  
**Diretor Executivo de Projetos Especiais -  
Secretaria de Estado de Planejamento**

Claudia Lima Saldanha  
**Diretora Executiva de Acompanhamento da Gestão -  
Secretaria de Estado de Planejamento**

Aloisio Mestriner Detomini  
**Coordenador PROACRE - Secretaria de Estado de  
Planejamento**

Rúbia de Abreu Cavalcante  
**Diretora de Ensino - Secretaria de Estado de  
Educação e Esporte**

Alda da Silva Diógenes  
**Coordenadora de Ensino Rural - Secretaria de  
Estado de Educação e Esporte**

### **ENSINO RURAL SEE - COORDENAÇÃO**

Osleno Freitas da Silva  
**Coordenador Asas da Florestania**

Raimundo Leandro Ciqueira de Almeida  
**Coordenador do Zoneamento I**

Francisco Arnaldo da Silva dos Santos  
**Coordenador do Zoneamento II**

Antônio Trindade Bandeira da Silva Moura  
**Coordenador do Zoneamento III**

Girlane Maura Araújo de O. Santana  
**Coordenadora Pedagógica das Escolas Seriadadas**

Marilene Felipe de Lima  
**Coordenadora do Comitê Executivo**

Ana Vera castro de Araújo  
**Coordenadora do Comitê Executivo**

Antônia Batista de Melo  
**Coordenadora do Comitê Executivo**

### **EQUIPE TÉCNICA COORDENAÇÃO DE ENSINO RURAL SEE**

Almerinda Moreira | Antônio Farias | Benedita  
Mourão Rodrigues | Edson de Castro Veras | Elizete  
Nascimento Fontinele | Francisca das Chagas  
Souza da Silva | Francisco Sobralino de Oliveira |

Francisca Antônia da Silva | Geane Silva de Castro  
Ferreira | Ivanilde Lopes da Silva | José Antônio  
Nascimento de Araújo | Josiléia da Silva Souza |  
Lenivan Nunes Calixto | Maria Rosemilda Campos  
de Sousa | Maria dos Anjos Gonçalves | Maurisete  
Fernandes da Costa | Paulo Roberto Pereira de  
Souza | Raimundo Marcilio Cesário da Silva | Rilda  
de Souza Nascimento | Silas Senhorinha de Alencar  
| Valtercley Silva dos Santos | Tereza Mendonça de  
Freitas | Walcileuda Silva de Souza

### **PRODUÇÃO EDITORIAL**

**Edição** | Elynalia Lima

**Texto e Reportagem** | Elynalia Lima, Guadalupe  
Kristel Noriega

**Fotografias** | Ângela Peres, Elynalia Lima, Acervo  
Coordenação de Ensino Rural, Eunice Caetano,  
Mardilson Gomes

**Revisão** | Sueli Sampaio de França

**Ilustração** | Márcio Braga

**Diagramação** | Selene Fortini

**Apoio** | Celis Fabricia (Assessoria de Comunicação  
SEE), Secretaria de Estado de Comunicação

### **REALIZAÇÃO**

Secretaria de Estado de Planejamento (SEPLAN) e  
Secretaria de Estado de Educação e Esporte (SEE)







# Sumário

Desafios e avanços da Educação Rural no Estado do Acre	8
Como é trabalhada a educação na zona rural no Acre	12
Programa de Inclusão Social e Desenvolvimento Sustentável do Estado do Acre	14
Construindo alicerces: Investimentos na educação mudam o panorama do ensino na zona rural	18
Asas da Florestania: Pagando uma dívida histórica com a educação na zona rural	20
Primeiros vôos nas Asas da Florestania	22
Ampliando a oferta de educação ao Ensino Médio	23
Primeira turma em Rodrigues Alves	26
Há Escolas que são Asas	28
Asas da Florestania e a oportunidade para voar	30
Metodologia Asas: Grupos e unidocência	32
Como as equipes funcionam?	33
Memorial: Relatar e aprender	34
O gestor que cresce com a escola	36
Asinhas da Florestania: A oferta da educação infantil na zona rural	38
Enfrentamentos para a educação da primeira infância	42
Empoderando o jovem da comunidade	43
Formadoras de "Asinhas"	44
Acompanhamento e monitoramento das ações	48
Superação de desafios	49
A importância do trabalho com as crianças e metodologia do Asinhas	50
Ampliar a oferta de ensino na zona rural é...	54



# Desafios e avanços da Educação Rural no Estado do Acre

**Marco Brandão**

*Secretário de Estado de Educação e Esporte*

**O**s desafios da realidade amazônica, com rios sinuosos, clima particular e estreitos atalhos para chegar às remotas comunidades, no coração de nossas florestas, não impediram o Governo do Acre de garantir o direito à Educação Básica aos cidadãos acreanos. Seja na zona urbana, seja na zona rural, o compromisso é o mesmo: O direito ao acesso à educação pública, gratuita e de qualidade, o direito à aprendizagem aos acreanos em todo o Estado.

Desde 2005, a Secretaria de Estado de Educação inova no atendimento escolar às comunidades de difícil acesso, por meio do Programa Asas da Florestania, provando que o cuidado com a qualidade da educação, com os alunos e com os professores vai além dos centros urbanos.

A organização das disciplinas, a estruturação dos módulos, a adequação do material didático com conteúdos universais e contextos locais, tudo foi especialmente criado para que a implementação do Programa desse certo. Mais que isso, o “Asas da Florestania” coloca o aluno sujeito da própria aprendizagem, pois permite todos os dias não somente a discussão e apropriação de conteúdos basilares para a formação do cidadão, mas promove a autocrítica, a autoavaliação e a cooperação entre os indivíduos.

Os desafios são inegáveis: Vão desde a contratação de professor à entrega de merenda, em períodos de inverno amazônico. Mas nada tem sido obstáculo para que o Governo do Acre garanta a permanência na escola e o sucesso no desempenho de todos e de cada aluno.



A equipe do Asas da Florestania realiza monitoramento do programa durante todo o ano: no período das chuvas o acompanhamento se dá nas escolas às margens dos rios, durante a estiagem as visitas são realizadas nas escolas com acesso pelos ramais (estradas vicinais).

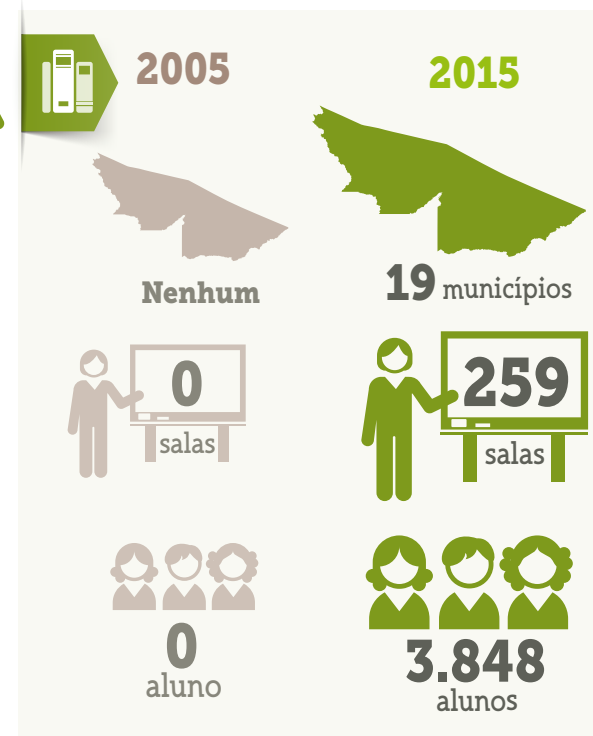
# Evolução do atendimento do Asas da Florestania



FUNDAMENTAL



MÉDIO



Em 2008 ampliou-se a oferta para o ensino médio, que busca, em um período de três anos, concluir a educação básica de jovens e adultos.

Em 2009, a SEE contemplou o público das crianças com idade entre quatro e cinco anos por meio do Asinhas da Florestania, segmento infantil do programa que garante o acesso à educação das crianças com o diferencial do atendimento domiciliar.





**2000**

### INÍCIO DO PROGRAMA ASAS DA FLORESTANIA FUNDAMENTAL

No Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano, foram atendidos 367 alunos, em 26 turmas, distribuídas nos municípios de Assis Brasil, Brasiléia, Bujari, Rio Branco, Rodrigues Alves, Sena Madureira e Xapuri.



**2008**

### INCLUSÃO DA PRIMEIRA INFÂNCIA

Agora, as crianças de 4 e 5 anos, residentes nas áreas de difícil acesso da zona rural, têm acesso ao Programa Asas da Florestania Infantil - Asinhas, com os agentes levando educação em casa.



**2015**



### DESENHO DO PROGRAMA

O Programa Asas da Florestania começa a ser esboçado pela Secretaria de Estado de Educação e Esporte - SEE, em parceria com a Fundação Roberto Marinho, financiado pelo Banco Mundial, com propostas para ser estruturado em módulos.



**2005**

### AMPLIAÇÃO DA OFERTA

Até o momento, não existia a oferta de ensino para a conclusão da educação básica, para jovens da zona rural. Em 2008, começa a ser implementado o Asas da Florestania Ensino Médio, que já inicia com 1.197 alunos, em 70 turmas, distribuídas nos municípios de Cruzeiro do Sul, Assis Brasil, Rodrigues Alves, Marechal Thaumaturgo, Tarauacá, Sena Madureira, Bujari, Rio Branco, Porto Acre, Plácido de Castro, Xapuri, Brasileia e Epitaciolândia.



**2009**

### ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

O Asas da Florestania já beneficiou mais de 73 mil alunos em todo o estado. Desses, 39.607 são do ensino fundamental, 22.227 do nível médio e 11.719 do Asa da Florestania Infantil, o "Asinhas"



# Como é trabalhada a educação na zona rural no Acre

Alda da Silva Diógenes

Coordenação de Ensino Rural da Secretaria de Estado de Educação e Esporte

**A** educação rural ou educação do campo é a denominação comumente usada para se referir à educação oferecida às comunidades da zona rural ou do campo. Geralmente, o atendimento escolar na zona rural é feito, através de classes multisseriadas, de 1º ao 5º ano, do ensino fundamental e da **unidocência**, isto é, salas que atendem alunos do 1º ao 5º ano, com um único professor para ministrar os conteúdos curriculares de forma unificada e em um único plano de aula, no mesmo espaço, diferenciando, apenas, nos objetivos de cada disciplina. Essa forma de organização ocorre devido ao pequeno número de alunos existentes nas comunidades rurais, à dispersão geográfica e à mão-de-obra disponível para formar classes ou turmas convencionais, como no modelo tradicional de classes regulares.

Para atender à demanda de escolarização em regiões de baixa densidade populacional, a escola foi organizada em “**turmas multisseriadas**”, cujo modelo não é uma exclusividade da realidade brasileira. Países como a Venezuela, Colômbia, Chile,

Equador, Canadá e países desenvolvidos como é o caso da Inglaterra, adotam modelo analógico ao recorrentemente utilizado no Brasil, para permitir o acesso das populações rurais à educação escolar.

Ao tratar de classes multisseriadas, é necessário fazer referência ao trabalho **unidocente**, haja vista que os professores que atuam nas escolas rurais são profissionais que trabalham com todas as áreas do conhecimento. No Acre, isto não acontece só do 1º ao 5º ano, mas, também, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Este é o caso do Programa Asas da Florestania – Escolarização do 6º ao 9º ano, para comunidades rurais de difícil acesso, criado em 2005 pelo Governo do Estado do Acre, através da SEE, em parceria com a Fundação Roberto Marinho.

Todos os professores que atuam nessa modalidade de ensino possuem formação superior em licenciaturas, para exercer a **unidocência** em todas as disciplinas curriculares. Daí a denominação professor **unidocente, multidisciplinar** ou **polivalente**.

No ano de 2008, a Secretaria de Estado de Educa-

ção, SEE, através da coordenação do ensino rural, amplia a oferta da educação básica para as comunidades rurais, levando o Ensino Médio Asas da Florestania Médio, para atender os discentes egressos do Ensino Fundamental – Asas da Florestania Fundamental. Em 2009, chega também o Programa Asas da Florestania Infantil, ofertando educação infantil para as crianças com idade de 4 e 5 anos, residentes nas comunidades rurais de difícil acesso, através do atendimento domiciliar.

Vale ressaltar aqui, que esta modalidade não é a única forma de atendimento educacional oferecida às comunidades rurais. Nas comunidades onde existe maior concentração populacional, ou onde é possível o uso do transporte escolar, o atendimento educacional é feito na forma tradicional, ou seja, usa-se a mesma forma metodológica de organização utilizada na zona urbana - a seriação das turmas. Atualmente, o governo do Acre oferece a educação básica completa às populações rurais dos 22 municípios, atendendo, aproximadamente, 31.407 alunos na zona rural do Estado.



“

Há uma década nós não tínhamos essa continuidade da escolarização do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, não tínhamos nem o Ensino Médio na Zona Rural. Creio que o Asas da Florestania é um marco histórico da educação no Acre.”

# Programa de Inclusão Social e Desenvolvimento Sustentável do Estado do Acre

**D**emocratizar o acesso à educação pública, nas áreas mais remotas do Estado, não é uma tarefa fácil. As barreiras surgem no trajeto para as localidades situadas na zona rural (ramais, rios, longas distâncias e dispersão demográfica), a disponibilidade de professores especializados, para atender às populações dessas comunidades remotas, a distorção idade/série vivenciada por quem não teve a oportunidade de iniciar em um estudo regular, até outras situações inusitadas. Desde 1999, o governo tem como projeto político derrubar, gradativamente, essas barreiras e elevar a qualidade do ensino, para que crianças, adolescentes e adultos que vivem em áreas remotas do Estado tenham acesso a programas de educação infantil, de ensino fundamental e médio, de alfabetização e de educação continuada, pautados na qualidade e no desenvolvimento de habilidades e competências para a vida.

Para tanto, o governo do Estado criou o Programa de Inclusão Social e Desenvolvimento Sustentável do Estado do Acre, o Proacre. Em execução desde 2010, o programa destinou recursos para as áreas da Saúde, Produção e Educação, visando atender direitos básicos à cidadania, tendo como principal financiador o Banco Mundial.

As ações executadas na área da educação, no âmbito do Proacre, foram especialmente projetadas para atender às necessidades das comunidades caracterizadas por Comunidade de Atendimento Universal (CAU), Comunidade de Atendimento Prioritário (CAP), e Comunidade Polo (COP), dando vida aos programas: Escola Ativa, Alfa 100, Educação de Jovens e Adultos – EJA, Asas da Florestania Fundamental, Médio e Asas da Florestania Infantil, além da implementação dos subprojetos voltados para a otimização da oferta de ensino e para o fortalecimento da autonomia escolar.



O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - (IDEB) foi adotado como mensurador para os resultados do projeto, que teria de passar dos 3,8 alcançados em 2007 pelo Ensino Fundamental séries iniciais e finais, para 4,7 em 2014. Em 2013, o IDEB registrado no Acre foi de 5,2 pontos para as séries iniciais do ensino fundamental, e 4,4 para as séries finais. O ensino na rede pública estadual do Acre superou as metas propostas pelo Ministério da Educação (MEC) de 4,4 para todo o Ensino Fundamental.

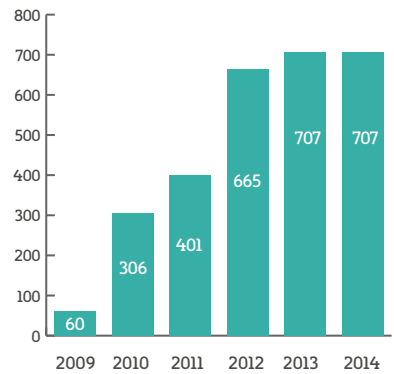
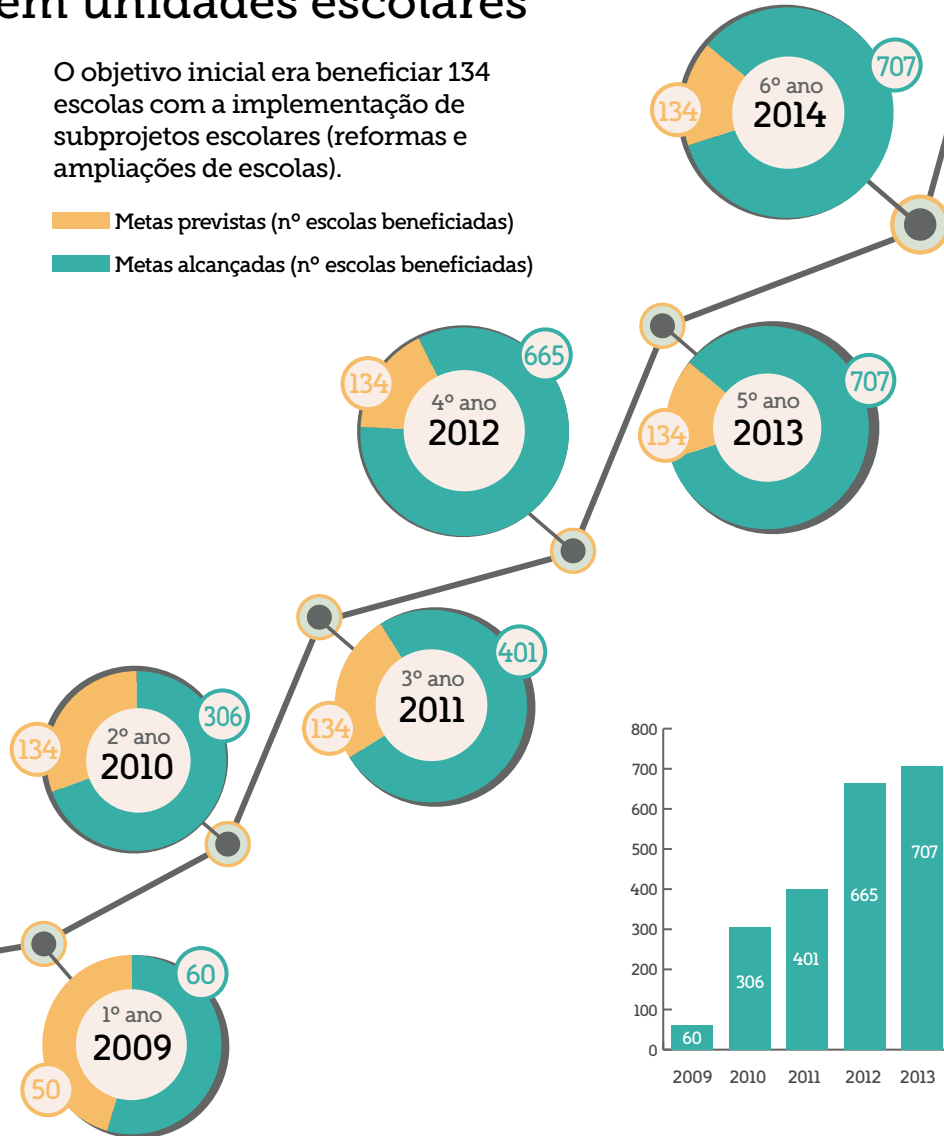
Os resultados deixaram o Acre em 10º lugar no ranking das 27 unidades da federação, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e com a 3ª melhor pontuação nos anos finais. A continuidade das ações desenvolvidas, que tornaram possível essa evolução na qualidade do ensino básico oferecido pelo Estado, é a chave para que esses índices continuem a mudar o cenário da educação do Acre.



# Investimentos do Proacre na educação em números: Reforma, ampliação e pequenos reparos em unidades escolares

O objetivo inicial era beneficiar 134 escolas com a implementação de subprojetos escolares (reformas e ampliações de escolas).

Metas previstas (nº escolas beneficiadas)  
Metas alcançadas (nº escolas beneficiadas)



O Asas da Florestania, em suas três modalidades, seguindo as Diretrizes e Referenciais Curriculares Nacionais, trabalha com metodologia e materiais pedagógicos específicos, adequando as aulas e os atendimentos às realidades das comunidades rurais de difícil acesso, sejam elas ribeirinhas, projetos de assentamentos e reservas extrativistas.





O material pedagógico entregue às escolas inclui: um kit tecnológico (TV, aparelho de DVD e micro system), livros didáticos por disciplina do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), um kit sala de aula com 24 itens (kit geométrico, gramática, dicionário de espanhol, mapas e outros).



# Construindo alicerces: Investimentos na educação mudam o panorama do ensino na zona rural

Uma “força tarefa” entre Estado e prefeituras foi o grande primeiro passo realizado pelo governo do Acre, em 1999, para tentar conhecer a realidade da educação na zona rural do Estado. Conhecer as escolas, saber onde estavam localizadas, suas estruturas, quem eram as pessoas que levavam educação até as áreas mais remotas e quais eram suas formações seriam as prioridades daquele primeiro momento e, de certa forma, emergenciais.

A primeira medida adotada seria a articulação para a realização do Censo Escolar. Uma equipe composta por 90 técnicos se deslocaram para o interior do Acre, munidos de GPS, com o objetivo de localizar e mapear todas as escolas da zona rural, dos 22 municípios do Estado. Nesse Censo, identificaram que 120 escolas estavam fora dos limites das fronteiras do país e outras no Estado do Amazonas ultrapassavam a linha Cunha Gomes. Com as informações em mãos, a ação executada teve grande importância e contribuiu para a remarcação da linha Cunha Gomes entre o Acre e Amazonas.

O cenário encontrado não foi animador: muitos professores possuíam, apenas, o Ensino Fundamental, e sem profissionais habilitados para atuarem nas comunidades rurais, era oferecido somente até o 4<sup>a</sup> ano das séries iniciais do Ensino Fundamental. Para sanar essa situação, o governo do Acre estabeleceu parcerias com o MEC e a Universidade Federal do Acre – UFAC, para ofertar, aos professores, formação em nível médio, magistério e ensino superior.

A capacitação e a formação de professores, para atuarem na zona rural, foi apenas uma das bases na construção do alicerce que mudariam o cenário da educação naquele momento. Aliado ao grande investimento no profissional da educação, também era necessário a construção, adequação e ampliação de escolas, para que, de fato, houvesse a melhoria e ampliação da qualidade de ensino na zona rural. Francisca das Chagas Souza da Silva, a professora Chiquinha como é conhecida, uma das idealizadoras do Programa e Coordenadora de Ensino Rural da SEE, até 2014, conta um pouco como foi esse desafio.





## Entrevista



Professora Chiquinha

Tentar captar recursos para construir escolas, construir um padrão básico para as escolas. Foi pensando onde que cabe escola de uma sala, escola de duas salas, escola de três salas, quatro, cinco, um padrão. E assim foi pactuado que onde se construíse uma escola nova o mobiliário seria novo, toda a estrutura seria adequada, inclusive com acessibilidade, com as rampinhas, escola de madeira com rampas. Nós tínhamos um problema: as poucas escolas existentes, tinham sido construídas em alvenaria, em regiões que com pouco tempo, devido o movimento populacional, se tornavam um elefante branco, tinha algumas escolas que esvaziavam. E aí a gente pensou em um tipo de escola que a população pudesse ajudar,

Vamos fazer com um material que se precisar da matéria-prima a própria comunidade pode ajudar. E aí as escolas foram feitas em madeira, na hora que a população fosse embora, a gente poderia desmanchar aquela escola e reconstruí-la onde de fato tivesse aluno.

Investimos na formação dos professores, a formação inicial deles. Também discutimos a questão da formação continuada. Quando nós assumimos o governo, os professores tinham um salário muito ruim, mas o salário dos professores da zona rural era ainda pior, embora houvesse uma gratificação de 60% para quem trabalhasse na área rural. Ora, 60% em cima de um salário que era inferior ao mínimo, era quase nada. Assim, pensou-se na inserção dos professores rurais no plano de carreira, o que de fato ocorreu, e eles ficaram no mesmo plano de carreira dos demais professores. Foi feito um estudo também para começar a descentralizar os recursos para as escolas rurais - a história da autonomia das escolas. Então, a gente começou a dar um salto, que as escolas rurais que tivessem, a partir de 50 alunos, poderiam ter unidade executora. Foi um tanto quanto difícil, porque a escola não tinha um corpo de servidores. Depois de anos de discussão, de debates, idas e vindas, fomos acostumando, com experiência e aprendizado, e conseguimos construir os consórcios entre escolas,

entre comunidades. Nesse consórcio, juntavam-se as escolas pequenas de 50 alunos, naquele raio geográfico próximo, e tirávamos um representante de cada comunidade e construía o plano. É o que está funcionando até hoje.

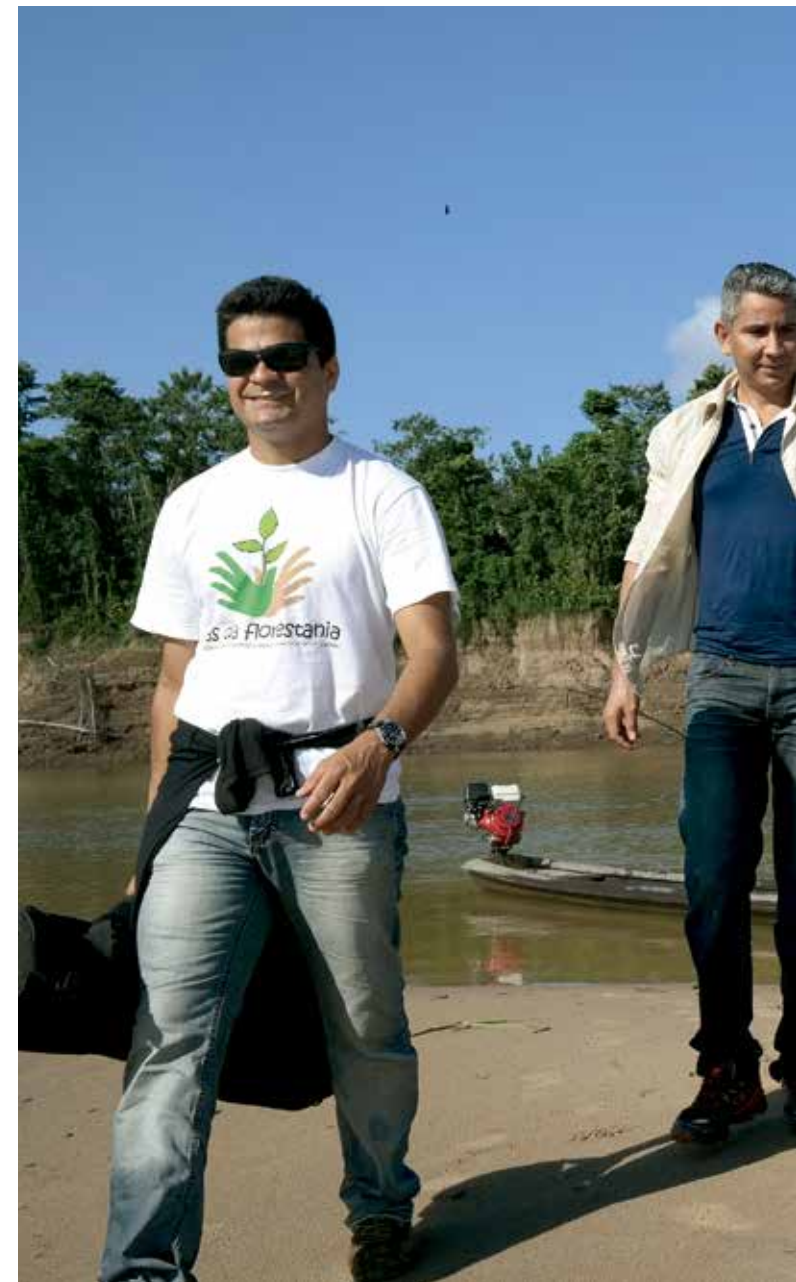
Quando os professores terminaram a formação em nível médio, veio a formação superior. Mas como a formação para o superior levou um tempinho, e já não dava mais para continuar só investindo nas séries iniciais do Ensino Fundamental, aí a gente precisava com urgência... Porque toda a comunidade que os nossos líderes governamentais chegavam, tinha a cobrança da comunidade por um direito deles que era lícito: 'meu filho terminou a quarta série, está repetindo ou parou de estudar porque não tem, está esperando o EJA'. Tínhamos pensado em algumas possibilidades, tipo o ensino modular. E se começou a trabalhar também com uma clientela rarefeita, que nas áreas de assentamento nós fomos fazendo um investimento de construir e ampliar as grandes escolas, foi chegando o transporte escolar, e as grandes escolas foram ficando fortalecidas. Só que nas áreas mais afastadas dos assentamentos, a população diminuiu, e diminuiu também o número de alunos, e o transporte é quase impraticável. Foi surgindo assim a ideia do Asas da Florestania.

# Asas da Florestania: Pagando uma dívida histórica com a educação na zona rural

**N**o Acre, a educação rural ou educação do campo impõe muitos desafios para garantir, às populações, o acesso e permanência a um ensino de qualidade, que as habilite ao exercício da verdadeira cidadania. Desafios ainda maiores quando se observa as especificidades do ensino regular, como a organização do ensino por disciplina e a necessidade de professores com nível superior, nas diversas áreas do conhecimento, e avaliam-se as barreiras geográficas do denso território florestal, onde a dispersão geográfica isola ou limita o acesso à escola, tornando o formato de ensino vivenciado na zona urbana impraticável. Para tanto, o governo do Estado criou o Programa de Inclusão Social e Desenvolvimento Sustentável do Estado do Acre, o Proacre. Em execução desde 2010, o programa destinou recursos para as áreas

da Saúde, Produção e Educação, visando atender direitos básicos à cidadania, tendo como principal financiador o Banco Mundial.

A partir de 1999, o governo do Estado do Acre empenha-se para garantir educação inclusiva e de qualidade na zona rural. Para que esse objetivo seja alcançado, muitos investimentos foram feitos. O primeiro passo foi o investimento na qualificação dos profissionais para atuarem no atendimento do 1º ao 5º ano, em classes multisseriadas, reunindo em um único espaço, um conjunto de séries que atendem a 1ª etapa do Ensino Fundamental. Esta foi a organização possível, e em parte do território acreano, às vezes, é a única possibilidade de garantir às crianças e adolescentes o acesso ao ensino sistematizado.





O primeiro passo foi o investimento na qualificação dos profissionais para atuarem no atendimento do 1º ao 5º ano, em classes multisseriadas, reunindo em um único espaço, um conjunto de séries que atendem a 1ª etapa do Ensino Fundamental. ”

O projeto-piloto do Asas da Florestania foi elaborado em conjunto com a Fundação Roberto Marinho. A instituição já havia trabalhado no Acre com a proposta do Projeto Poronga (Programa Especial de Aceleração da Aprendizagem), para alunos das escolas estaduais urbanas com distorção de idade/série.

# Primeiros vôos nas Asas da Florestania



O contexto da educação rural no Acre até 1999 se reduzia ao atendimento do 1º ao 5º ano, organizado em classes multisseriadas. Suprida essa necessidade, estabelecia-se o desafio de ofertar a continuidade dos estudos aos alunos egressos do 5º ano. Assim, o governo do Estado assumiu o compromisso com as comunidades rurais em garantir e ofertar a escolarização.

Diante desses desafios, a SEE, em parceria com a Fundação Roberto Marinho e com financiamento do Banco Mundial, realizou, no ano 2000, o desenho do programa denominado **Asas da Florestania**, estruturado em módulos, seguindo as Diretrizes Curriculares Nacionais, os Referenciais

Curriculares Nacionais e os Referenciais Curriculares da Secretaria de Educação. Em 2005, tem início o Asas da Florestania. O atendimento inicial foi voltado para 367 alunos de Ensino Fundamental, em sete municípios. Hoje, o programa já está praticamente em todo o Estado, com oferta ampliada para alunos do Ensino Médio e, mais recentemente, Infantil.

O Programa Asas da Florestania Fundamental está organizado para ser desenvolvido em 4 anos. Além das disciplinas do núcleo comum – lei 9394/96, inclui temas regionalizados que visam contribuir para a melhoria da qualidade de vida nas comunidades. Esse formato é composto pelas disciplinas das áreas do conhecimen-

to definidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais, com carga horária mínima de 920 horas, em cada ano.

Para garantir a qualidade e o sucesso nas comunidades atendidas, os professores são licenciados, permanecem na comunidade rural onde fica a escola, durante o ano letivo e fazem parte de um programa de formação continuada, a fim de se apropriarem e aplicarem a metodologia proposta. E, para assessorar os professores, que são unidocentes, são realizados acompanhamentos periódicos pela equipe técnica da SEE, com objetivo de apoio pedagógico ao professor, subsidiando a aplicabilidade da metodologia.



A equipe da Fundação Roberto Marinho acompanhou de perto o início da jornada nas Asas da Florestania.



## Ampliando a oferta de educação ao Ensino Médio

**E**m 2008, visando garantir a conclusão da Educação Básica aos jovens e adultos residentes no campo e concludentes do Ensino Fundamental, elaborou-se a oferta de ensino **Asas da Florestania Médio**. Até 2015, a oferta havia chegado a 22.227 alunos.

O programa está estruturado em módulos, organizado em áreas de Conhecimento: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas, seguindo as Diretrizes Curriculares Nacionais, os Referenciais Curriculares Nacionais e os Referenciais Curriculares da SEE, tendo um



professor licenciado para cada grande área, de acordo com sua formação. O Programa tem a duração de três anos e busca atender as competências de capacidades estabelecidas nas diretrizes curriculares para o Ensino Médio e ampliar os conhecimentos, saberes e experiências que se pretende que os alunos conquistem na escola, a partir de diferentes ciências e outros campos da cultura, buscando consolidar os valores éticos apoiados nos princípios de liberdade, tolerância, igualdade, solidariedade, verdade, justiça e paz, através do exercício permanente da reflexão.

A metodologia utilizada é orientada por um fazer pedagógico que valoriza os diferentes saberes, estimula o conflito produtivo, o diálogo e transforma o ensino em aprendizado, privilegiando a contextualização, a leitura de imagens, o desenvolvimento das linguagens oral e escrita.

Nesse processo de construção do ensino e aprendizagem, o professor deixa de ser especialista em conteúdos específicos e atua com diferentes dinâmicas de aprendizagem. Neste contexto, os referenciais curriculares da SEE nortearão o conjunto de atividades que serão desenvolvidas em cada área do conhecimento.



Primeiras turmas atendidas pelo Programa Asas da Florestania nos municípios de Brasileia e Xapuri.



O Asas da Florestania nasce no bojo de muitas outras políticas emergenciais que precisaram ser traçadas para essa população, como resultado de todo um compromisso que o governo do Estado assumiu à partir de 1999, e como resultado também das exigências dos movimentos populares sociais organizados. ”

*Professora Chiquinha.*

# Primeira turma em Rodrigues Alves

**E**m uma casa teve início as primeiras turmas do Asas da Florestania Ensino Fundamental, no município de Rodrigues Alves. O espaço foi cedido pelo morador, Antônio Castelo. Graças a sua ação, foi possível levar educação para crianças que não podiam sair da comunidade para frequentar uma escola regular. O ato de Antônio possibilitou a formação de duas turmas naquele ano. Rodrigues Alves foi um dos sete primeiros municípios, onde o programa começava a alçar voos, e atualmente é o que possui mais turmas no Estado - 54 turmas do Ensino Fundamental e 39 do Ensino Médio.

Para Antônio, hoje professor no programa, o Asas representa evolução e oportunidade para jovens e crianças de comunidades de difícil acesso, "inserido na comunidade de forma digna... Eu espero que o programa continue oportunizando esses jovens que daqui a dez anos vão chegar com a necessidade desse ensino, que o programa continue evoluindo, como tem evoluído, e que o ensino continue sendo de qualidade e que cada mediador que esteja inserido no programa trabalhe com responsabilidade visando e priorizando as comunidades de difícil acesso".

Também foi em 2005, no espaço cedido na casa de Antônio, que Francisca Pastora Barreto da Cruz teve a oportunidade de cursar o Ensino fundamental. Aluna da primeira turma do Asas em Rodrigues Alves, Pastora, como é conhecida, relata que não havia

energia elétrica. Um gerador de energia foi instalado para que fosse possível assistirem às vídeo aulas. Pastora concluiu o Ensino Fundamental em 2006, porém, com a falta de oferta da modalidade de ensino médio em seu município, parou os estudos em 2007. Com a criação do Asas Ensino Médio em 2008 a aluna, que passou um ano inteiro sem frequentar a escola, voltou à sala de aula.

Com a nova oferta, o Asas da Florestania Infantil, em 2009, Pastora passa a trabalhar como agente do Asinhas. "Foi um prazer enorme eu ter esse privilégio, porque daí já ficou mais fácil pra mim, porque eu já tinha experiência de como funcionava tudo, então pra mim não foi nenhuma dificuldade, foi uma experiência que eu gostei muito mesmo".

Andar quilômetros de ramais, e, às vezes, não conseguir chegar à casa dos alunos devido ao difícil acesso no período das chuvas não desanimou Pastora, que aprendeu desde cedo a importância do aprendizado e que o esforço em levá-lo para mais crianças que vivem em localidades remotas era a sua maior recompensa, "esses dias são muito difíceis, mas são divertidos, a gente vai, sofre e tudo, mas no final dá tudo certo, então pra mim isso aí não é momento de tristeza, pra mim isso aí a gente supera. Então o asas é muito bom, porque ele leva o ensino para pessoas de difícil acesso que não pode sair daquela comunidade".



O que representa o Asas para a Francisca Pastora Barreto da Cruz:

“Pra mim ele representa muita coisa, tudo o que eu sei foi através do Asas. Muitas pessoas podem não acreditar no programa asas, porque a metodologia dele, as atividades, são diferentes de uma aula normal, mas pra mim é uma experiência muito boa, muito gratificante eu ter tido essa oportunidade de estudar no Asas, hoje eu tô fazendo minha faculdade, se Deus quiser vou trabalhar lá na minha comunidade de novo como professora, porque eu não vou desistir da minha carreira de professora”.



“

Rodrigues Alves foi um dos sete primeiros municípios onde o programa começou a alcançar voos e atualmente é o que possui mais turmas no estado – 54 turmas do ensino fundamental e 39 do ensino médio.”

# Há Escolas que são Asas

**U**ma professora dedicada, com olhar de menina tímida, mas com uma história de vida inspiradora, Vanessa da Silva Matos é fruto do programa Asas da Florestania. Concluiu o Ensino Médio no programa, saiu da comunidade onde nasceu, Foz dos Paranás dos Mouras, para continuar a estudar. No município de Rodrigues Alves, concluiu a educação básica e em Cruzeiro do Sul, a capital do Juruá, se formou em História na Universidade Federal do Acre. Hoje, aos 21 anos, está de volta para a sua comunidade, onde agora faz parte do Asas, não mais como aluna. Ela é professora licenciada e dá aulas em uma das duas turmas do Ensino Fundamental da escola Felicíssimo Negreiros, na comunidade Paraná dos Mouras.

Vanessa enfrentou as dificuldades de quem mora nas comunidades de difícil acesso, às margens dos rios acreanos. Paraná dos Mouras fica às margens do Rio Juruá, o maior da região, o único acesso terrestre com a sede do município se torna intratável durante o período das chuvas, quando o rio se transforma em estrada. Vanessa batalhou pelos seus objetivos, impulsionada pela metodologia do Asas, “O programa só tem a beneficiar os alunos da comunidade, porque se não tivesse eles teriam que ir pra outras comunidades, e isso tornaria tudo mais difícil”, afirma Vanessa.

Ter uma professora da própria comunidade se torna um incentivo para as crianças a não desistirem dos seus sonhos, além de ser gratificante ajudar no desenvolvimento do programa. “Para as crianças ter uma professora que se formou aqui, e que agora é professora deles eu acho que é um incentivo para não desistirem, porque a gente sabe que em comunidade pequena nem todos conseguem ter a oportunidade de ter o ensino médio. Para mim é uma honra estar voltando.”





**Égila Santana de Barros - 12 anos**  
Nasceu em Cruzeiro do Sul e hoje mora na comunidade Foz dos Paranás dos Mouras.



**“A escola representa pra mim uma segunda casa, porque, vindo para a escola, sei que o meu futuro, se eu me dedicar, pode ser melhor”**

**Égila Santana de Barros**





# Asas da Florestania e a oportunidade para voar

**F**azer o acompanhamento do Asas da Florestania nas comunidades em que o programa é implantado proporciona, para a equipe que realiza esse trabalho, a vivência de histórias de lutas e superações. Professores, equipe gestora, alunos, pais e comunidades, sempre há uma história que emociona a cada visita realizada. Histórias que motivam, que fazem acreditar na melhoria da qualidade de vida para os jovens das comunidades mais distantes, porque se o programa atinge e incentiva a mudança na vida de um aluno, esse único aluno é o fruto de todo o esforço e trabalho desses 10 anos de Asas da Florestania.

Na zona rural do município de Tarauacá, na escola estadual rural 15 de Julho, os irmãos Antônio Nascimento dos Santos e Francisco Nascimento dos Santos, nos últimos dois anos, fizeram acontecer uma grande mudança em suas vidas, e o desejo por concluir os estudos foi o grande propulsor. Antônio, 23 anos, frequenta o 1º ano do Ensino Médio, e Francisco, com 20 anos, cursa o 9º ano do Ensino Fundamental. A escola, com quatro salas de aula, oferece o ensino multisseriado do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, o Asas Fundamental do 6º ao 9º ano e o Asas Médio.

Para poder frequentar a escola que fica às margens do rio Acuraua, os irmãos fizeram uma escolha: deixaram sua casa em uma comunidade no Baixo Acuraua, distante um dia de viagem de barco da atual escola, e foram morar com um tio. A casa do tio fica distante 30 minutos de caminhada no ramal mais próximo à BR 364. O principal apoiador? O pai que incentivou os filhos a concluírem os estudos com o intuito de oferecê-los uma oportunidade que ele não teve, mesmo que isso significasse vê-los apenas nas férias escolares.

Antônio repetiu por quatro vezes a 4ª série na antiga escola, por falta da oferta das demais modalidades de ensino, e para não ficar sem estudar, frequentar as aulas da série que já havia concluído foi uma opção. “Eu faço isso pelo meu pai, porque tudo que eu faço eu dedico a ele, e é bom ter um saber, porque meu pai sempre insistiu, sempre foi de acordo pra gente continuar estudando, pra não viver do pesado assim como ele vive, eu faço isso para dar orgulho a ele, porque pra mim ele é um pai maravilhoso, ele é o máximo”, fala Antônio sobre a sua ida e sua relação de amizade com o pai. Órfãos de mãe desde 2010, a vida ficou um pouco mais difícil para a família, que já havia perdido um

dos membros, em 2004. Vítima de afogamento, a irmã de Antônio e Francisco caiu no rio e seu corpo nunca foi encontrado, “quando a mãe morreu a dificuldade aumentou, porque só homem dentro da casa, tinha que lavar roupa, aí às vezes precisava costurar, colocar comida no fogo, então eu aprendi tudo isso, eu não tenho vergonha de dizer hoje que eu sei costurar com a mão, na máquina, eu faço tudo, eu tenho orgulho da minha vida, eu estudo, eu me esforço bastante, eu não sou o melhor aluno, mas eu sempre venho pra escola, eu não venho pra bagunçar eu venho pra estudar, eu me dedico bastante”, diz Antônio.

Antônio foi o responsável pela ida de Francisco, seu irmão menor, para a escola atual. O desejo de Antônio era que se seu irmão, assim como ele, concluísse o ensino médio. A esperança e um misto de saudade é o principal combustível para seguirem firmes com as escolhas feitas. “Às vezes, dá um saudade, mas o pai incentivou, nas férias nós vamos passar um mês. Quero tentar fazer uma faculdade, eu gosto de matemática, para mim a matéria preferida é a matemática. O cara não tem que deixar as coisas ruins atrapalhar a gente, tem que continuar lutando, porque só lutando consegue”.



Quero tentar fazer uma faculdade, eu gosto de matemática, para mim a matéria preferida é a matemática. O cara não tem que deixar as coisas ruins atrapalhar a gente, tem que continuar lutando, porque só lutando consegue. ”

# Metodologia Asas: Grupos e unidocência

**A** metodologia diferenciada trabalhada no programa Asas da Florestania objetiva otimizar o aprendizado dos alunos, ajudando-os a desenvolver suas capacidades dentro e fora da sala de aula. Além da produção dos memoriais, outro diferencial é a formação das equipes funcionais. Organizados em quatro equipes de trabalho: o de socialização; de coordenação; de síntese e de avaliação, os alunos têm a oportunidade de interagir entre si e se organizar, o que auxilia no processo de aprendizado.

Para quem está acostumado com os métodos de ensino das escolas da zona urbana pode, no primeiro momento, achar estranho, porém essa prática pedagógica, segundo a professora Chiquinha, pode ser a diferença no sucesso de aprendizagem dos alunos da zona rural. “Desde a quantidade de alunos na sala, a preocupação em movimentar os alunos para que eles desenvolvam uma prática de leitura e escrita diárias, essa divisão de equipes e de responsabilidade na sala, com essa metodologia a gente desenvolve habilidades e capacidades dos alunos, na zona rural tem alunos extremamente tímidos, na medida

em que você o envolve numa equipe de socialização, ele trabalha um pouco essa coisa de se soltar, de participar, de interagir”.

No Asas, foi adotada a unidocência: do 6º ao 9º ano, o professor trabalha todos os componentes curriculares; o Ensino Médio é trabalhado dentro das três grandes áreas – ciências da natureza, ciências humanas e linguagens e códigos. A unidocência permite ao professor manter um diálogo com os diferentes componentes curriculares e conhecer melhor o aluno, identificando suas fragilidades e fortalezas. Já para o aluno, a prática faz com que ele participe de forma ativa nas atividades e que se envolva de forma dinâmica nas tarefas propostas. “No Asas, acho que o ponto mais importante é que trabalha-se uma disciplina de cada vez, onde nós como alunos temos mais tempo de se preparar e focar somente numa disciplina, assim nós estamos prestando mais serviço, ajudando mais o professor”, conta Elizanete Barros de França, aluna do ensino médio na escola Felicíssimo Negreiros, Comunidade Foz dos Paranás dos Mouras em Rodrigues Alves.





## Como as equipes funcionam?



**A** equipe de socialização é responsável por selecionar e aplicar, em sala de aula, dinâmicas ou levar textos para serem trabalhados em conjunto; a equipe de coordenação auxilia o professor na organização da sala de aula; a equipe de síntese resume o dia de aula e apre-

senta ao final do encontro; a equipe de avaliação é encarregada de avaliar o desenvolvimento da aula e do professor.

“As equipes cumprem um papel muito legal de desenvolver capacidade nos alunos. A coordenação trabalha muito o espírito de organização, da iniciativa, além de outras capacidades; a síntese, você conhece algum amazônida que não seja contador de caso? Nós somos muitos contadores de ‘causos’, e a gente precisa começar a exercitar essa coisa da síntese, da objetividade. A vida, de vez em quando, exige isso da gente, e aí é uma prática muito legal dele pegar uma informação desse tamanho e conseguir torná-la mais enxuta, mais compacta. E na avaliação, a gente desenvolve mesmo o senso crítico, de diariamente o aluno dizer: professora a aula foi legal por isso, eu aprendi isso, ou então a aula hoje não foi legal porque na hora que você fez aquela atividade eu não compreendi. E o memorial acho uma grande ‘sacação’ porque a gente vive em um mundo letrado, mas onde a escrita está ficando muito menos exigida, eu diria”, Avalia Chiquinha.



**Haline Silva dos Santos**, aluna do 3º ano do ensino médio do Asas na comunidade Foz dos Paranás dos Mouras em Rodrigues Alves.



“Muitas pessoas pensam que por serem alunos da zona rural,

que estudar numa escola mais simples com menos condições de tá aprimorando todos os projetos, a gente vai ter menos capacidade de aprender e isso não é verdade. Acredito que nós da zona rural temos tanta capacidade e tanto conhecimento quanto outros alunos que estudam na zona urbana. Até mesmo porque eles procuram trazer professores que sejam capacitados pra ensinar, então eu acho que isso nos possibilita adquirir conhecimento pra prestarmos um possível vestibular”.

# Memorial: Relatar e aprender



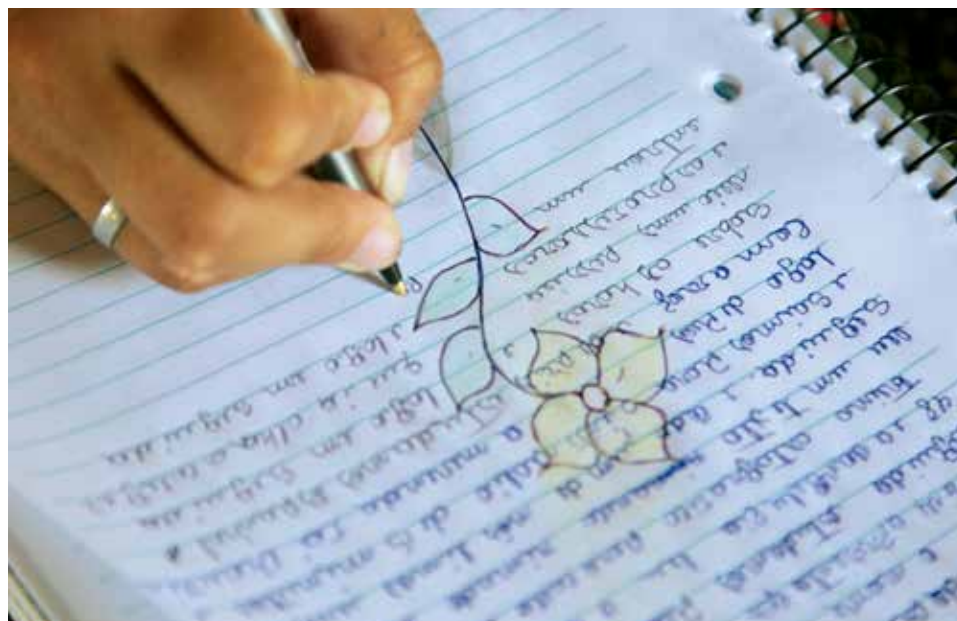
“Olá memorial! hoje é o nosso primeiro dia de aula, estou feliz por rever meus colegas, e triste porque alguns não falaram comigo”, trecho do memorial do primeiro dia de aula de Irisná Lima Ferreira”.

**A**sas da Florestania é, acima de tudo, romper as distâncias das comunidades de difícil acesso, por meio da ampliação da oferta da educação básica, para as localidades, onde, até o final da década de 90, crianças e jovens contavam apenas com a conclusão das séries iniciais do Ensino Fundamental, o que ocasionava o agravamento na distorção idade/série na zona rural. Além de trabalhar com uma dinâmica única, também tem como característica a metodologia diferenciada, onde os alunos desenvolvem habilidades e competências, através de socialização em sala de aula, brincadeiras, material didático adaptado à realidade em que está inserido aquele aluno e a elaboração de memoriais.

O memorial se propõe, ao incentivar a criatividade e interação do aluno com a escrita, entrar no mundo da criança, do adolescente. Escrito diariamente, ele permite que os alunos tenham a oportunidade de descrever a suas vivências ao longo da aula, como também lhes dá a liberdade de expressar os seus sentimentos, seus medos, objetivos, expectativas, através da crônica. Escrever o memorial não é uma tarefa apenas dos alunos. Para que a prática tenha retorno positivo, os professores e a equipe de ensino rural da SEE que trabalham juntos, para a realização e desenvolvimento do programa, têm também o compromisso de elaborar o seu memorial.

Mas o memorial não permite somente o desenvolvimento das habilidades com a escrita. Ele também lhes dá a chance de ampliar a suas técnicas de lei-

tura e, principalmente, de oralidade, pois uma vez feito pelo aluno, ele tem o desafio e lê-lo na sala de aula para os seus colegas, permitindo-lhe se expressar e compartilhar suas experiências, ideias e reflexões, “O memorial me ajuda a interagir melhor, antes eu era tímido, não falava com ninguém, depois que eu comecei a fazer o memorial, comecei a falar com as pessoas, brincar com elas, comecei a ser amigo de todo mundo”, relata João Vitor Machado, aluno do 7º ano na escola Esperança do Povo, em Xapuri, que em apenas um ano como aluno do Asas, mudou sua visão sobre produção do memorial, “Eu estudava no 6º seriado até o ano passado, e eu estranhei muito porque eu nunca tinha feito esse negócio de equipe, memorial, porque eu acostumei sem fazer aquelas coisas. Achei um pouco ruim, mas agora estou gostando e achando legal”. Relatos, reflexões, sonhos e um pouco da alma e essência dos alunos do Asas da Florestania são deixados nas páginas escritas por cada um deles, “No começo foi chato, porque não gostava de escrever, mas depois foi melhorando, tem sido melhor porque não tenho tanta vergonha, eu escrevo e leio para mim mesma e depois para os outros. Eu escrevo se gostei da aula, se não gostei, algumas reflexões, tipo as reflexões que eu mais gosto, são algumas coisas que me ajudam, que me tocam e também escrevo minha oração”, conta Irisná Lima Ferreira, que está no 7º ano do Ensino Fundamental, na mesma escola que João. Aluna do Asas desde o 6º ano, carrega em seu memorial fotografias de sua infância junto com a evolução do seu aprendizado.



Cada aluno apresenta o memorial em sala de aula, com suas histórias, confidências e aprendizados.

# O gestor que cresce com a escola

**N**a escola Santos Morais, em uma pequena comunidade, duas horas de barco descendo o rio, no município de Tarauacá, podemos encontrar José Francisco Sena de Souza, diretor da escola. Ele nos conta um pouco da sua experiência e desafios enfrentados: “eu sou gestor desde 2008, escolhido pela comunidade. Quando assumi o cargo, tivemos o desafio de ampliar a escola, pois ela só possuía quatro salas. Com recursos do Proacre, ajuda da comunidade e a parceria da prefeitura, conseguimos organizar a estrutura da escola, nós temos agora 6 salas de aula, biblioteca, coordenação, diretoria, sala dos professores, secretaria e uma cantina”, conta Sena, como gosta de ser chamado.

Implantado na escola Santos Morais em 2009, o programa Asas da Florestania trouxe grandes mudanças para os alunos que, desde então, contam com o Ensino Médio na comunidade e a oportunidade de ter acesso a um ensino de qualidade, “Devido à necessidade que a comunidade vinha enfrentando e também porque a escola vinha perdendo muitos alunos, pela falta da oferta do Ensino Médio, que levava as famílias a saírem das suas terras para poderem levar seus filhos até a cidade, a fim de estudar, vimos a necessidade de implan-

tar um ensino como o do Asas da Florestania, que oferta, através de uma metodologia diferenciada, a oportunidade dos alunos concluírem seus estudos na comunidade”, afirma o gestor.

Trabalhar com o programa Asas permite, também, que os alunos tenham oportunidade de avançarem na sua formação, levando-os a alcançarem suas metas e objetivos, através do ensino de qualidade nas comunidades carentes. Passando por uma rotina exaustiva, os agentes e professores chegam na pequena comunidade distante da cidade de Tarauacá, através de barcos, sendo o trajeto de uma e meia a duas horas, para, enfim, poderem desenvolver as atividades nas escolas.

Além de contribuir com o desenvolvimento e formação dessas crianças, torna-se um grande incentivo para a missão importante desenvolvida pelo diretor, ver o retorno de ex-alunos do programa para atuarem como professores ou agentes, “Trabalhar com alunos formados no programa é muito importante porque gera mais oportunidade de trabalhos para os da comunidade, além de contribuir com o desenvolvimento e formação dessas crianças, é muito gratificante ver o retorno deles, que são filhos da comunidade e fruto desse programa”, conta o gestor.





“

Trabalhar com alunos formados no programa é muito importante porque gera mais oportunidade de trabalhos para os da comunidade, além de contribuir com o desenvolvimento e formação dessas crianças, é muito gratificante ver o retorno deles, que são filhos da comunidade e fruto desse programa. ”

# Asinhas da Florestania: A oferta da educação infantil na zona rural



“Para uns a nossa proposta era revolucionária e inovadora e muito legal, para outros éramos inconseqüentes e irresponsáveis e não estávamos fazendo educação, estávamos fazendo assistência social”.

*Professora Chiquinha*

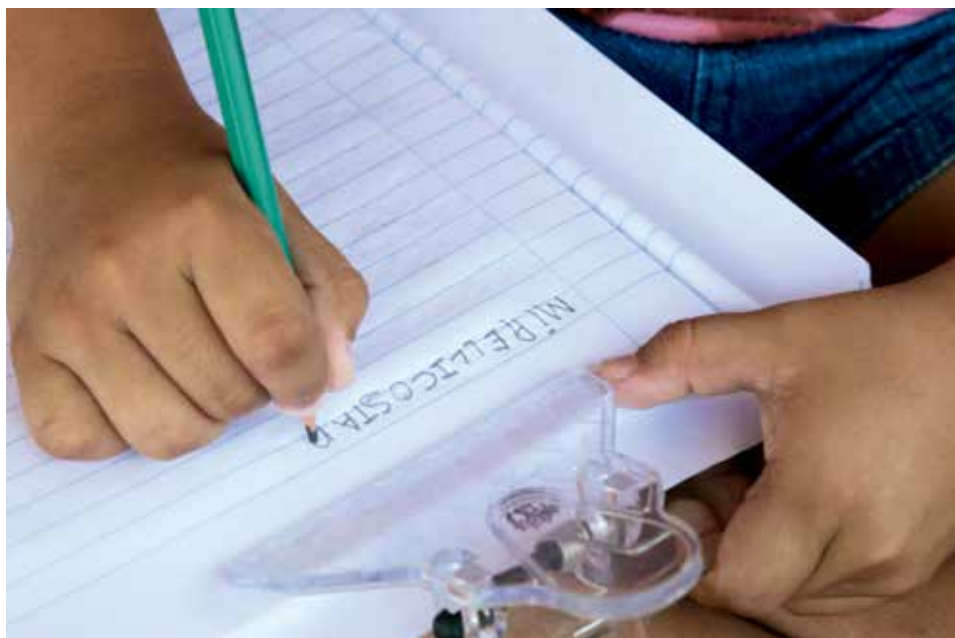
O Acre foi o primeiro estado brasileiro a oferecer educação infantil a crianças de comunidades isoladas. Fruto da parceria entre estado e municípios, o Asas da Florestania Infantil foi a solução encontrada para superar a exclusão na educação infantil no Acre. O “Asinhas”, como foi carinhosamente chamado pelos seus idealizadores e colaboradores, teve início em agosto de 2009, em caráter experimental, atendendo 1.200 crianças, de 123 comunidades. O piloto contemplou 927 famílias de 12 municípios do Estado.

O Asinhas atende crianças de 4 a 5 anos de idade que moram em assentamentos, seringais, margens de rios e unidades de conservação. O atendimento domiciliar é o diferencial da proposta: se a criança não pode chegar até a escola, por que a escola não chega até a criança? Assim, os Agentes de Educação realizam os encontros nas casas das crianças.

O programa está estruturado em seis módulos, com 20 encontros, cada encontro ocorre duas vezes por semana, com duas horas de duração.

Os agentes contam com material pedagógico produzido de acordo com a proposta do programa, elaborado pela SEE, em parceria com o Instituto Abaporu, conceituada empresa de consultoria em educação. Foi desenhado com o objetivo de desenvolver habilidades nas crianças para que elas cheguem à alfabetização aos seis anos, já com o aprendizado inicial, o que facilita a absorção dos conhecimentos.

Atualmente, o Asinhas atende 18 municípios acreanos, beneficiando mais de 2.189 crianças, graças aos esforços de 279 agentes distribuídos em 259 comunidades de difícil acesso do estado e 20 supervisores.



No Asinhas a criança aprende com música, brincadeira e arte, trabalhando a coordenação motora e a oralidade, desenvolvendo, assim, habilidades com as quais faria contato apenas quando chegasse ao 1º ano do ensino fundamental.

# Em 2015...

**18**

Municípios  
acreanos

**+2,2** mil  
crianças



**279**  
agentes  
e **20**  
supervisores

**259**  
comunidades





Elenilson Nascimento Costa, 23 anos, percorre cerca de 12 km todos os dias para atender 11 famílias às margens da BR-364, no município de Tarauacá. Com as crianças que moram próximas, ele forma grupos, atendendo até três famílias em um encontro. Ao final, leva as crianças para casa em segurança.

# Enfrentamentos para a educação da primeira infância

**A**lém da falta de docentes para atuarem nas regiões remotas do Estado e a dispersão da população nas comunidades que impossibilitam a construção de escolas, muitos outros obstáculos tiveram que ser enfrentados para a implantação do Asinhas na zona rural do Acre. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) do Ministério da Educação estabelece que a educação infantil precisa de uma carga horária mínima de 200 dias, somando 800 horas, necessariamente, em um estabelecimento educacional. Portanto, o Asinhas não podia ser considerado como modalidade de educação infantil. Mas como ofertar essa educação infantil que exige carga horária e escolas construídas, sabendo-se das especificidades da região amazônica?

Para que o Asinhas se concretizasse, o governo teve que promover um grande debate em defesa do projeto. “Como bom acreano não foge à luta, eu me enchi de argumentos e ia pro debate, de dizer para eles que só conhece a Amazônia quem vive na Amazônia. É muito fácil a gente pensar o Brasil de um determinado ponto e

achar que o Brasil todinho equivale ao Distrito Federal. Eu quero ver você vir para a Amazônia, e você achar que o Acre é pequeno porque ele tem 22 municípios, nós temos uma bacia hidrográfica que não ajuda, os rios são todos paralelos, eles não se encontram, você não tem noção do que significa chegar na outra ponta”, conta Francisca das Chagas Souza da Silva, a professora Chiquinha, no início dos debates para a aprovação da modalidade do Asinhas junto ao Ministério da Educação.

Com argumentos embasados em experiências de quem convivia com a realidade do interior amazônico e munida de mapas, a equipe de Governo conseguiu o apoio necessário e levaram a proposta para ser apresentada em encontros como o Seminário Internacional da Primeira Infância, no Encontro da Organização dos Estados Americanos da primeira infância. “Nós fomos divulgando o Asinhas e fomos fazendo barulho. Legal que as instituições e o Banco Mundial, como financiador e como parceiro, nos ajudou muito nisso”, diz Chiquinha.





# Empoderando o jovem da comunidade



**S**egundo o artigo 62º da LDB, apenas os formados em nível superior e médio na modalidade normal podem atuar na educação infantil, e a dificuldade para conseguir professores para atuar nas comunidades da zona rural era um dos principais problemas para trabalhar com a educação infantil nessas localidades. “Diante dessa realidade, veio a ideia: e se formássemos jovens das próprias comunidades para serem professores e elaborássemos um material didático focado na realidade dos acreanos?”, lembra Chiquinha.

Surge assim o Agente de Educação, pessoas das próprias comunidades que têm o Ensino Médio, fazem o processo seletivo e passam por uma formação oferecida pela equipe técnica da Coordenação de Ensino Rural da SEE. Embora recebam a formação, os agentes não podem ser formalmente tratados como professores, pois não são assim considerados pela LDB.

O agente realiza, com cada criança, dois encontros, com duração de duas horas e meia, em média, por semana. Cada agente trabalha com dez famílias e acompanha bem de perto o desenvolvimento das crianças. Tanto o agente quanto a criança recebem um kit para serem trabalhados nos encontros. Essa inserção do jovem da comunidade nesse processo é uma forma de validar a sua importância e a importância da educação da primeira infância no projeto de empoderamento da comunidade.

O Asinhas concretiza a educação como oportunidade de inclusão, democratização e construção de cidadania, respeitando as diversidades e especificidades das comunidades rurais dispersas nas regiões de floresta do Estado do Acre.



# Formadoras de “Asinhas”

**S**ebastiana Freitas de Moraes acorda cedo para ir ao primeiro “encontro” no Ramal da Limeira, Km 100, às margens da BR-317. Os encontros, como são chamadas as aulas, ocorrem na casa das crianças atendidas pelo programa Asinhas da Florestania. Sebastiana é Agente do “Asinhas”. Ela atende oito famílias na comunidade São Luiz do Remanso, zona rural do município de Capixaba, trabalha no programa desde Julho de 2014, ano em que o município voltou a ofertar a modalidade. Todos os dias, Sebastiana atende duas famílias no período da manhã e duas no período da tarde. “De manhã, eu saio bem cedo, dou aula das 7 às 9 horas, na casa de um, aí das 9h30 às 11 horas na casa de outro. Chego em casa, almoço nas carreiras, aí pego minha parceira, minha menina, vou à tarde, aí só termino às 5 horas da tarde”, relata Sebastiana sobre sua rotina. A companheira de viagem é a filha, Estefane Aryane Santos Moraes, de seis anos de idade, que estuda pela manhã em uma escola de ensino regular, mas, à tarde acompanha a mãe na bela missão de levar educação infantil para outras crianças

da comunidade.

Além das longas distâncias percorridas em ramais, no período chuvoso, a dificuldade de locomoção aumenta. A agente e as crianças enfrentam o gado no campo que corre atrás de quem passa pelo caminho. Esse é um dos grandes medos de Francisca Rodrigues Barroso, como ela mesma relata: “eu tenho medo de colocar meus filhos pequenos na escola, porque atravessa campo dos outros e tem muita vaca valente. Pra mim, é muito importante ela dar aula aqui, muitas vezes arriscando a vida dela, porque atravessa no meio dos bois e a vaca corre atrás da moto”.

Sebastiana sonhava em fazer o curso de Direito, mas está cursando Pedagogia, pois, no momento, era o curso acessível. Porém, com o Asinhas aprendeu a amar a nova profissão e encontrou no ensino infantil a sua verdadeira vocação. “Depois do Asinhas, sei que a Pedagogia me escolheu. Pretendo fazer especialização em educação infantil e psicopedagogia”.



A primeira emoção de Sebastiana no programa:

“Essa menininha que eu dava aula, eu comecei com ela com três anos, ela e a irmã dela, ela aprendeu o nome dela, numa época que os pais estavam trabalhando no roçado. Eu ficava com as duas dando aula e eles estavam para o roçado e eu chegava elas vinham, tomavam banho e voltavam, aí eles viam pouco as aulas. Quando eles terminaram viram que a menina estava escrevendo o nome já e conhecia as letras do nome dela tudo, aí ela (a mãe) ficou muito, muito feliz e eu também. E cada criança que aprende a escrever o ‘A’ eu já fico feliz porque fui eu que ensinei, foi por causa de mim, claro que a criança o mérito é todo dela, mas a gente que estava lá ensinando, a gente que estava lá incentivando, e eu acho que é uma felicidade muito grande.”



“

Os encontros, como são chamadas as aulas, ocorrem na casa das crianças atendidas pelo programa Asinhas da Florestania. ”

**N**o Seringal São Miguel, no município de Xapuri, uma agente de educação que está em seu sétimo mês de gravidez, realiza todos os dias a sua rotina de encontros com as crianças da comunidade. Eldan Araújo da Silva mantém o compromisso que firmou com as sete crianças que atende. Como educadora contratada pelo município, Eldan sabe de seus direitos, e o afastamento nos últimos meses de gestação é um deles. Ir de casa em casa se torna um trabalho cansativo, a situação tende a piorar quando começar as chuvas, devido ao risco que é enfrentar um ramal escorregadio, nesse período. Eldan terá que parar, mas ir aos encontros com as crianças é algo que a deixa feliz e, por isso, pretende continuar por mais um mês, até completar o oitavo.

Eldan é agente do Asinhas há cinco anos. Em 2010, fez o processo seletivo, passou e até hoje essa é a profissão com a qual ela se identifica. “Muitas pessoas perguntam por que eu ainda continuo no Asinhas, então, eu digo que é porque eu gosto muito, me identifico muito e também porque mudou minha vida, aprendi muito, juntamente com as crianças, e hoje eu posso dizer que é um trabalho que eu me sinto muito feliz realizando, me sinto feliz por ver as crianças aprendendo, elas me agradecem e isso é uma coisa muito boa, é uma gratificação muito grande e eu me sinto muito feliz por fazer parte desse projeto”.



No início de sua jornada no programa, Eldan passou por muitas dificuldades. Quando o programa chega a novas localidades a resistência de alguns pais é algo que não é fácil de ser superado, por não conhecer ou achar que a educação na primeira infância não é necessária. Ao invés do isolamento demográfico, muitas vezes as famílias são o maior obstáculo na execução do programa dentro das comunidades. “No início foi um pouco complicado, porque as famílias não tinham experiência de nada e o trabalho, tudo era novo, então foi um pouco difícil”. Eldan afirma que, com o passar dos anos, trabalhar no Asinhas a fez superar a timidez, e ver a evolução pessoal de algumas crianças é o que a faz agradecer

por fazer parte do programa e da vida das crianças que passam por ela, como o caso em que relata que chegou a pensar em desistir do aluno. “Ele dizia que ia me matar, que ia pedir pra onça me comer, ai eu ficava com medo, passei um, dois, três meses com medo, pensei até em desistir dele, mas com o tempo esse menino se tornou um pessoa tão doce, tão boa, eu comecei a gostar tanto dele que fazia questão de ir pra casa dele e eu falava pra mãe: seu filho primeiro me dava medo, mas hoje posso dizer que ele mudou totalmente. Isso me marcou muito, porque sempre é bom não desistir das crianças, porque a educação muda tudo”.



No Asas da Florestania Infantil, a equipe técnica realiza visitas às casas das famílias atendidas para o acompanhamento das ações, que é feito por amostragem.

# Acompanhamento e monitoramento das ações

**P**ercorrer longas distâncias nos ramais da zona rural do Estado, navegar rios e igarapés para acompanhar a execução do Programa Asas da Florestania Fundamental, Médio e Asinhas é uma tarefa cansativa executada pela equipe técnica da Coordenação de Ensino Rural da Secretaria de Estado de Educação e Esporte do Acre. A equipe, composta por Técnicos de Ensino, sai de Rio Branco e visita as comunidades atendidas pelo programa, durante todo o ano letivo; conversa com alunos, professores, agentes e moradores de localidades isoladas e de difícil acesso, para realizar o monitoramento das modalidades de Ensino Fundamental e Médio, Asinhas e multissérie na zona rural, visando garantir a qualidade das metodologias implementadas pelo programa.

A turma de monitoramento do Asinhas chega à casa das famílias atendidas, a avaliação é feita por amostragem com aplicação de instrumentos de avaliação, “após a formação, os agentes começam a trabalhar nas comunidades, atendendo as crianças, e a gente vai verificar como está acontecendo esses encontros. Durante o acompanhamento, nós assistimos o encontro do agente com a criança, conversamos com as famílias, verificamos como que está a satisfação deles em relação ao atendimento dos seus fi-

lhos e, após esse trabalho nas comunidades rurais, retornamos para sede do município. Dependendo do que percebemos de como está o trabalho, a gente dá essa devolutiva para os gestores e nos disponibilizamos a colaborar no que for necessário”, explica Maria do Socorro Alves de Macêdo, técnica de ensino da Coordenação de Ensino Rural que acompanha o Asinhas.

Paralelo ao monitoramento do Asinhas, a equipe de acompanhamento do Asas da Florestania visita as escolas rurais e verifica o andamento das turmas. Por meio de diálogos com professores e alunos, verifica se a metodologia do Asas é corretamente aplicada: Formação das equipes de socialização, coordenação, síntese e avaliação, disposição dos alunos em sala de aula e produção dos memoriais. A apresentação dos memoriais escritos pelos alunos e professores é um dos pontos fortes da visita, é o que mostra a evolução do aluno na escrita, na argumentação e na socialização com os demais, o momento de maior satisfação para quem acompanha essa evolução, como é o caso de Benedita Mourão Rodrigues, técnica de ensino, que ao retornar para a sede do município, sempre leva consigo mimos que os alunos lhe ofertam.



Encontro de formação pedagógica continuada com agentes do Asas da Florestania Infantil no município de Porto Walter.



## Superação de desafios




**S**ueli Melo Vale é supervisora do Asinhas, no município de Mâncio Lima, distante 4.549 Km da capital. Mâncio Lima, atualmente, possui 14 turmas formadas, turmas porque em algumas comunidades o agente reúne duas ou mais crianças no mesmo horário de atendimento, lembrando que, para ser possível essa junção, é necessário que as crianças estejam inseridas no mesmo módulo, dessa forma o agente trabalha a socialização das crianças e ajuda no momento das brincadeiras, além de ser possível a ampliação do número de crianças atendidas.

Porém, há as comunidades em que as distâncias inviabilizam essa formação de grupos e, às vezes, até dificultam a realização de mais de um encontro por dia, pois o

percurso que o agente precisa percorrer para chegar até a casa da criança leva muito tempo. Essas dificuldades também são enfrentadas pelo supervisor que realiza o acompanhamento. “A comunidade ribeirinha mais próxima, a primeira que encontramos quando vai fazer o acompanhamento, é mais de meio dia de voadeira, que a gente gasta pra chegar até lá. A última comunidade não conseguimos chegar no mesmo dia, porque tem que entrar no rio azul, e é a última comunidade do rio azul, que se chama Queimadas, e aí voltamos, entra pelo rio Moa de novo e volta e vai até lá o pé da Serra do Divisor, dependendo também se o rio tá cheio, se o rio tá seco, se tiver cheio a gente consegue chegar no finalzinho da tarde, entrando pela noite, saindo daqui de manhã, mas se não, precisamos dormir em alguma comunidade pra poder seguir viagem outro dia”, conta Sueli.

O trabalho de supervisor vai além de suas atribuições como técnico de educação. O supervisor se torna para as comunidades, para aquelas famílias e para os agentes uma referência que não dispõe de hora ou limites físico para atender no que for necessário. “A gente também acompanha através de cartas, porque dependendo da distância da comunidade e da dificuldade do agente estar aqui no município, eles mandam cartas por barqueiros, e nós respondemos as dúvidas; ou eles mandam materiais e nós mandamos de volta pelo barqueiro”.



# A importância do trabalho com as crianças e metodologia do Asinhas

**T**odas as formas de parcerias - Estado, prefeituras, financiadores, colaboradores, dentre outros - permitem e fomentam a ampliação e o sucesso do Asinhas da Florestania. Parcerias que levam o suporte necessário, que, segundo Alcione Cavalcante, Secretária de Educação do município de Mâncio Lima, sem as mesmas o programa seria inviável: “Os municípios têm localidades muito distantes, e para as prefeituras arcarem sozinhas com a responsabilidade de pagamento de agente, logística e o material, seria quase impossível atingir todas as localidades. Então, a parceria do governo do Estado com os municípios pequenos, como o nosso, é fundamental”.

O apoio aos agentes de educação, como suporte para os enfrentamentos diários, também se torna essencial para o bom desenvolvimento das atividades do Asinhas, pois a dura realidade é que nem sempre o agente encontra um ambiente acolhedor para a prá-

tica do ensino. Antes de tudo, o trabalho do agente e da equipe de execução do programa é primeiro a conscientização dos pais, “porque a maioria das famílias pensava que a educação infantil apenas era brincadeira, os pais levavam os meninos para as casas de farinha, ou então levavam para outras comunidades, aí o agente chegava e o pai não estava, não tinha ninguém. Então assim, foi preciso que a gente fizesse esse trabalho de conscientização da família, da importância que tem a educação infantil, esse ensino com o aprendizado do filho deles. A gente reúne a comunidade quando vai entregar o material, fala da importância”, afirma Sueli Mello Valle, supervisora do Asinhas no município de Mâncio Lima.

Com seis anos de criação da modalidade infantil do Asas da Florestania, essa importância do trabalho com a primeira infância já vem mostrando resultados. Por meio do Asinhas, as crianças desenvolvem plenamente as suas capacidades e conseguem se

destacar ao chegar no Ensino Fundamental, prontas para continuarem o seu caminho rumo ao conhecimento. “Nós ainda não temos estudos, indicadores para afirmar esse impacto, mas desde que iniciamos o trabalho com a educação infantil, nas áreas rurais, nós ouvimos dos professores que recebem as crianças no primeiro ano, que elas chegam com muita facilidade de aprendizagem, chegam com muitas habilidades desenvolvidas, e também notamos isso através das avaliações que realizamos”, afirma Maria do Socorro Alves de Macêdo, técnica de ensino. Todo esse trabalho se reflete na evolução do aprendizado e na capacidade das crianças. O papel que a família ocupa reflete no sucesso do Asinhas. O programa tem trazido muitos benefícios ao levar o atendimento até crianças de famílias carentes e até lugares onde o acesso é limitado.



Foi preciso que a gente fizesse esse trabalho de conscientização da família, da importância que tem a educação infantil, esse ensino com o aprendizado do filho deles. A gente reúne a comunidade quando vai entregar o material, fala da importância. ”



A parceria com as prefeituras para a execução do Asinhas é fundamental. O Estado gere o programa e os municípios são responsáveis por executar, contratar os agentes e realizar o acompanhamento.



O material pedagógico do Asinhas inclui: caderno de planejamento do agente com as propostas para cada aula, caderno de registro para o agente relatar a evolução da aprendizagem da criança, caderno de texto com histórias, cantigas de roda e poemas, kit distribuído para as crianças, com quadrinhas, parlendas, adivinhações em verso, trava-línguas, folhas de atividades, brinquedos e um espelho.

# Ampliar a oferta de ensino na zona rural é...



**Carlos Costa dos Santos**

Professor do Asas da Comunidade Besouro, no Município de Porto Walter, formado em Pedagogia.



“Com o surgimento do Asas da Florestania na comunidade, alunos que estavam só com o fundamental conseguiram se formar e hoje, inclusive três alunos que passaram... ou eu passei por eles né, estão sendo professores na própria comunidade e levando o conhecimento também do Asas...”

“O Asas da Florestania pra mim representa uma grande importância, porque foi uma maneira que eu tive de como ajudar essas pessoas a caminharem com as suas próprias pernas, onde pra mim é uma grande satisfação ser professor da minha comunidade e ter pessoas que passaram por mim e hoje também são formadores”. ”



**Graça Souza**  
Professora de matemática Asas da Florestania, da comunidade Reforma, no Município de Porto Walter.



“Com a metodologia do Asas, a socialização é bem melhor, a participação dos alunos, o envolvimento, porque não existe um verdadeiro professor, a gente se desenvolve junto, aprende junto e ensina junto. Esse é o diferencial, pra mim é”.



**Benedita Mourão**  
Técnica Pedagógica do Programa Asas da Florestania



“Eu gostaria de ainda estar no Asas daqui a dez anos, ver esses alunos que estão aqui hoje, cursando a faculdade, já formados, trabalhando como professores e em outras profissões também. Que a nossa proposta de universalizar o ensino em toda a zona rural seja concretizada e que nós também, a equipe, esteja vivenciando o sonho de outros alunos que já estão passando pelo asas”. ”



“A gente se sente mesmo aquela espécie de mediador, de guia, porque nós aprendemos mais com os nossos alunos do que mesmo nós ensinamos. Eles trazem em si aquela força de vontade de concluir o ensino médio ali em casa, ali em sua comunidade, um fato novo sem que eles se preocupem em ter que sair para a casa de alguém, de ter que deixar os pais, a família. E para nós da comunidade, não deixa de ser uma satisfação enorme, e quando termina, que você olha pra dentro de você, o professor, você vê o quanto aprendeu, valeu à pena muito mais do que se você tivesse pensado na dificuldade”. ”



**Audilândia Bezerra do Nascimento**  
Professora do Asas da Florestania no Município de Marechal Thaumaturgo



**Jeane Helena de Nascimento**  
Professora do Asas da Florestania no  
Município de Xapuri



“Hoje mesmo eu estava em sala de aula e uma aluna falou pra mim: “Professora tenho dificuldade, mas eu estou aprendendo”, Aí eu digo: “Meu Deus! que legal!”, eles estão aprendendo, então isso para mim é gratificante, eu fiquei muito feliz. Todo dia é uma experiência nova, quando a gente está ensinando, quando eles estão aprendendo isso é gratificante”.





No início de 2016 o governo do Estado, através de um convênio firmado com o Banco Mundial, realizou a entrega de 43 veículos para dar apoio às ações do ensino rural (Programa Asas da Florestania e subprojetos escolares), responsável por levar educação de qualidade às áreas mais remotas do estado. Foram 12 caminhonetes, 24 motocicletas e 7 quadriciclos. ”











-  [ASASDAFLORESTANIA.COM](http://ASASDAFLORESTANIA.COM)
-  [EDUCACAO.AC](https://www.facebook.com/EDUCACAO.AC)
-  [SEE.AC.GOV.BR](http://SEE.AC.GOV.BR)
-  [AC.GOV.BR](http://AC.GOV.BR)

**Novo Acre**   
*Governo parceiro, povo empreendedor.*

**SEE**  
Secretaria de Estado  
de Educação e Esporte

**SEPLAN**  
Secretaria de Estado  
de Planejamento





**ASAS DA  
FLORESTANIA  
EQUIPES**

ALIZACA